

Modelo corpo/casa do mundo: o microcosmo como representação coletiva*

RESUMO

As condições do pensamento são, necessariamente, invisíveis aos pensadores. Uma pessoa que vive sob influência de um microcosmo estável e que pensa conforme seus termos não tem consciência de suas repressões. Este fato propõe a questão de como saber se nós vivemos e compreendemos através de nosso próprio microcosmo invisível.

ABSTRACT

In this paper the author wanders about the role of the microcosm in people's thinking, which determines the terms we select for our arguments while repressing the others.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Comunicação (*Communication*)
- Interpretação (*Interpretation*)
- Microcosmo (*Microcosm*)

Mary Douglas

Emeritus Professor at the University College of London
Department of Anthropology

A COMUNICAÇÃO É UM ASSUNTO muito mais difícil do que os diversos livros que a estudam querem admitir. A ambigüidade está em todos os lugares. Cada vocábulo tem uma centena de significações. Como chegaremos a controlá-las? E não são somente os vocábulos. As proposições e a gramática têm duas faces, as narrativas são absolutamente abertas à interpretação. Mesmo os exercícios lógicos mais rigorosos têm conclusões indeterminadas. Como chegaremos a compreender alguma coisa? E não é somente compreender, como acreditaremos em alguma coisa?

Tornei-me, recentemente, uma aprendiz em pesquisa bíblica. Quanto mais observo de perto um texto, mais me surpreendo pelo grau de dificuldade. O sentido pega todos meios de expressão possíveis, ele foge, se transforma e este fenômeno parece incontrolável. A interpretação corre o risco, a cada momento, de se tornar selvagem. Quando podemos estabelecer um grupo de significações, além da possibilidade do erro, temos alguma coisa a festejar.

A comunicação deve lutar contra a ambigüidade. Ela se esforça para reduzi-la, para permitir somente uma significação por vez. Entretanto, não nos é permitido condenar de fato a ambigüidade. Em um ensaio célebre, William Epton menciona várias ambigüidades adquiridas. O orador ou escritor está consciente das significações alternativas oriundas do documento difundido, mas não deseja fechar a interpretação, deseja, mesmo voluntariamente, as referên-

cias cruzadas. Manter várias interpretações abertas é uma estratégia retórica comum. É benéfico para os políticos que querem manter suas opiniões intactas. A poesia beneficia-se da riqueza adicional que é fruto de um vocábulo com significação dupla. Os teólogos chegam, freqüentemente, à beira da contradição tentando manter as analogias complexas. Mas, para servir a fins ordinários, a maioria das comunicações devem evitar a ambigüidade.

Chamaremos a atenção sobre a maneira na qual o microcosmo pode clarear um sistema de pensamento pelo viés de suas repetições altamente reguladoras e chegar a evitar a confusão apesar da ambigüidade. Um caso especial de ambigüidade potencial se apresenta quando um vocábulo significando a casa é utilizado para designar o corpo. Habitualmente, as duas significações são facilmente separáveis, seja pela convenção, seja pelo contexto. Citamos, aqui, o caso de uma famosa construção corpo/casa, que foi certamente confundida.

Então os Judeus tomam a palavra e dizem a Ele: Que sinal tu nos mostras para agir assim? Jesus responde: Destruam este santuário (*ton naon*) e em três dias eu o reconstruirei. Os Judeus dizem então: Foi preciso quarenta e seis anos para construir este santuário (*ho naos*), e tu, em três dias o levantarás? Mas lhes falava do santuário do seu corpo (*toû naoû toû sômatos*). (João, 2,18-21, trad. La Bible de Jérusalem).

A ambigüidade

No Evangelho de João, Jesus é acusado de ter dito que se o Templo fosse destruído, o reconstruiria em três dias. Ele falava se referindo ao seu próprio corpo, mas o que disse era muito ambíguo. Certos daquilo que escutaram, acreditaram que ele se referia à construção do Templo (Santuário, Naos). Isso é compreensível, visto que o diálogo aconteceu no Templo, onde ele foi acusado de cassar os comerciantes (João, 2, 14-18).

Esta ambigüidade foi fatal, pois quando certas facções da comunidade Judaica de Jerusalém quiseram causar problemas, elas se referiam a isto:

Nós escutamos o que dizia: Eu destruirei este Santuário feito pelas mãos de homens e, em três dias, eu reconstruirei outro que não será feito pela mão do homem. (Marcos, 14, 58, trad. La Bible de Jérusalem).

Note que esta citação inexata acrescenta as mãos.

Finalmente se apresentaram dois (falsas testemunhas), que declararam: Este homem disse: Eu posso destruir o Santuário de Deus e reconstruí-lo em três dias. (Mateus, 26, 59-61, trad. La Bible de Jérusalem).

Novamente uma inexatidão na citação. A original não dizia "Santuário de Deus". A falsificação encontra-se agravada mais tarde quando St Etienne é levado diante do tribunal, acusado de citar Jesus no intuito de causar perturbações.

Lá eles produziram as falsas testemunhas que declararam: Este indivíduo não cessa de sustentar propósitos contra este santo Lugar e contra a Lei. Nós tínhamos escutado dizer que Jesus, o Nazareno, destruiria este Lugar e mudaria os hábitos que Moisés nos legou. (Atos dos Apóstolos, 6, 13-14, trad. La Bible de Jérusalem).

Certos exegetas atribuem o erro da citação ao fato de que o texto não reproduz o contexto gestual. Se Jesus, pronunciando a palavra "Templo" (Santuário, Naos), fizesse um gesto apontando-se o dedo, isto teria ajudado. Contudo, arriscamos duvidar da necessidade da linguagem corporal. Um dos microcosmos mais dominantes da religião Judaica era a associação entre corpo e templo. Há uma razão suficiente para

pensar que esta equivalência estava bem compreendida na Judéia durante o primeiro século. Não precisamos acreditar que todas as pessoas que freqüentavam o templo praticavam a teologia judaica. É preciso que passemos um momento explicitando um pouco mais o microcosmo em geral e a razão pela qual as barreiras que protegiam-na da ambigüidade foram destruídas depois da redação original do *Leviatã*. Mas, primeiramente, devemos considerar o microcosmo, a maneira na qual ele ajuda na construção de uma comunidade e de que forma este microcosmo depende da comunidade.

O pensamento microcômico

A construção de um microcosmo começa pelas metáforas que se desenvolvem numa analogia estrita, uma similitude que é fundada sobre as proporções e as orientações paralelas. Esperamos ser convencidos, mais tarde, referente às proporções espaciais do tabernáculo que estão no fundamento do *Leviatã*.

Um microcosmo é um sistema de símbolos no qual cada elemento do sistema diz respeito ao universo como totalidade. Assim, os elementos diversos relacionam-se um com o outro e dependem do sistema global que circunscreve sua significação. Um modelo unificado do mundo se repete em cada contexto.

O imperador Chinês

O microcosmo, estando plenamente desenvolvido, cria um só grupo de símbolos estruturados que domina pela atração exercida sobre tudo o que pode ser simbolizado e entrar em sua órbita. Para começar, pode parecer que a estrutura repetida de significações se empobrece pela pura e simples repetição. Mas, o que acontece é o contrário. Cada contexto adicional, organizado conforme o mesmo princípio, enriquece os outros, cada um para si e todos juntos, aproveitando o fato de que reflete automaticamente todo o resto. Quanto mais os contextos mais

variados podem ser organizados seguindo os mesmos princípios, mais o esquema do mundo é fechado às controvérsias possíveis de significação. Um microcosmo forte assegura a possibilidade da certeza.

Marcel Granet tornou famosa a cosmologia chinesa pegando-a como exemplo de um microcosmo que engloba a totalidade. O imperador chinês e os filhos do céu; seu palácio é o centro do mundo; sua vida e seu corpo participam do sol, da lua e da passagem das estações. Todos os elementos do universo estão igualmente implicados na sua pessoa, sustentando-a e, reciprocamente, eles asseguram o todo. Cada cerimônia particular exige a tenacidade de sua própria cor, a hora do dia apropriada para ser executada, o respeito do dia do mês e do ano, a orientação segundo a boa direção. A estrutura temporal das estações e certas proporções cruciais do espaço estão relacionadas aos pontos numéricos, que são feitos para reger as projeções feitas sobre o palácio, os templos, as casas e os corpos. Cada construção no reino deve ser organizada segundo o mesmo sistema de princípios do palácio real.

O imperador deve agir em harmonia com as estrelas e suas trajetórias, os atos devem honrar os pontos cardeais, ele deve usar a cor apropriada, o dia apropriado, comer em prato apropriado. Deve respeitar o sistema de números para cada uma destas ações que é estabelecido segundo o sentido cosmológico. Deve cumprir os sacrifícios justos, o dia justo e assim por diante. No caso de fracasso, as estações serão desreguladas e inundações e secas podem acontecer. O funcionamento do universo e todos os objetos do mundo estão projetados sobre os pontos cardeais e sobre seu corpo. É assim que funciona o pensamento microcômico. O corpo do imperador é o modelo de tudo. Os corpos de todos sujeitos são regidos pelas mesmas leis. Assim, a visão de cada coisa é forçada pela sua significação, pelo sistema imperial. Como eles se sentam para comer, deitam para dormir e levantam ao amanhecer, suas ações estão em harmo-

nia com o universo.

Os Bororós

O simbolismo corporal elaborado é muito organizado, um modelo deliberadamente construído tendo implicações políticas manifestas. É um sistema de controle do pensamento que perturba o espírito, é muito exaustivo e muito estranho ao nosso pensamento. É normal considerar que os povos primitivos são confusos, entretanto, como pessoas civilizadas como os chineses chegam a aceitar uma teoria tão manifestadamente fictícia relativa ao seu lugar no mundo?

Parece que entramos no problema clássico da mentalidade primitiva. Em 1890, um explorador ficou totalmente interessado pelo misticismo dos índios Bororós do Brasil Central que lhe declararam serem os periquitos vermelhos. O explorador, o Barão Von den Steiden, tentou compreender o que queriam dizer com aquilo. Era uma metáfora?

Vocês querem dizer que são como os periquitos?

Não, não, nós somos os periquitos.

Será uma crença religiosa que concerne à vida após a morte?

Vocês querem dizer que se tornarão periquitos após a morte?

Não, não, nós falamos de agora, enquanto estamos vivos.

Uma enorme ingenuidade filosófica minou esta fábula, avançando um problema de convergência entre vocábulos. Lévy-Bruhl encontrou um material para sua pesquisa na mentalidade primitiva: ele concluiu que o espírito primitivo pode tolerar a contradição mais facilmente que o nosso, porque ele está sujeito às *representações coletivas*. Descobri que eu mesma argumento que, de um ponto de vista real, Lévy-Bruhl tinha razão, pois o microcosmo é um exem-

plo real de representação coletiva e, por razões explicitadas a seguir, nós somos menos tolerantes ao seu poder ou gratos pela sua utilidade.

Em nossos dias, não desejamos extirpar uma autofelicitação do simbolismo corporal de outros povos. Porém, naquela época, isso foi matéria complacente ao considerar que nós ocidentais estamos liberados dos entraves do microcosmo. Com a chegada da modernidade, acreditamos poder olhar o mundo, pura e simplesmente, tal qual é.

As gerações depois de Saussure e Lévi-Strauss deviam ter um melhor conhecimento das coisas. A primeira coisa que temos apreciado da lingüística estrutural dos anos 50 é que um símbolo não se formula jamais sozinho, mas faz parte de um sistema global de signos. Um vocábulo é significativo por relacionar outros. Um vocábulo sozinho é somente uma parte de um processo de codificação. A segunda coisa é que o código jamais é inteiramente verbal; ele depende do contexto da ação. Não podemos ir longe buscando a significação de uma palavra isolada entre outras palavras. A coisa é a ação. Portanto, se um moderno devia começar este estudo da significação do dito Bororó, as questões a formular seriam diferentes. Quantas espécies de povos existem? A quais espécies de animais associam-se as outras tribos humanas? O mal-entendido referente aos Bororós nos lembra que vários textos antigos foram escritos num contexto cultural microcósmino. Somos, provavelmente, tão impotentes diante dos autores antigos, que Von den Steiden ficou desconcertado diante dos Bororós.

É importante colocar-se a questão de Lévy-Bruhl: por que o pensamento microcósmino nos é tão estrangeiro e tão estranho quando ele é amplamente difundido fora do mundo ocidental? A resposta é que ele se faz sempre invisível. Não importa quem, vivendo nos limites da órbita circular de um microcosmo, podendo e seguindo seus próprios caminhos habituais, pensará que é lá a única realidade que existe.

Inevitavelmente somos levados a formular a questão de saber se o mundo industrial ocidental não tem seu próprio microcosmo invisível. Num contexto prático, começamos a pensar seguindo o caminho microcósmico. Nosso próprio microcosmo contemporâneo se desenvolve há mais de duas centenas de anos. Ele é modelado sobre uma pessoa, tem um corpo psíquico que é propenso a sentir a dor e a satisfação e a racionalizar em termos de benefício e de custo. É o corpo do individualista, um ser racional movido pelos motivos de interesse pessoal. Seu campo de aplicação não pára de se alargar. Ele começa pela economia, na qual a relação dos desejos com os custos marginais da satisfação estava investida de muita atenção. Ele continuou dominando as concepções explicativas na psicologia, na genética, na biologia e nas outras ciências humanas. Os psicólogos evolucionistas modernos têm tendência a adotar um cérebro humano solipsista, forte no que concerne a introspecção, atitude na qual o processo de evolução adiciona, como eles supõem, as atitudes de considerar mais si mesmo do que outra coisa. Seu modelo solipsista do desenvolvimento cognitivo é paralelo ao modelo dos antropólogos vitorianos referente à evolução da forma do encéfalo, que evolui do homem primitivo ao homem moderno. Segundo este modelo, a criança deve aprender a interpretar os desejos das outras pessoas, devido ao fato de que não é sensível de maneira inata aos sinais dos outros humanos. Se este preconceito da teoria do solipsismo natural deveu-se ao nosso microcosmo, ele começa a se enfraquecer.

Microcosmos parciais: o corpo/casa dos

Lele

Os microcosmos parciais são os paralelos ou as analogias que não foram muito desenvolvidas. Poderiam prosperar se incorporados ao microcosmo bem sucedido, caso contrário, permaneceriam periféricos. Peguemos, por exemplo, uma página escri-

ta: se dizemos que alguma coisa na última linha está no “pé” (foot, en bas) da página e que alguma coisa na primeira linha está na “cabeça” da página, praticamente projetamos o texto sobre um corpo tendo cabeça e pés. No que diz respeito a um encontro turbulento, podemos dizer “as paixões sobem”; isto projeta uma escala de qualidades emocionais sobre uma dimensão vertical do espaço. Efetuamos este tipo de projeção verbal freqüentemente, mas as projeções não são coordenadas. Nossa vida social é excessivamente fragmentada para que um microcosmo completo possa emergir. E é assim que nós o adquirimos. Nossa cultura não se interessa nem pela unificação dos mundos das idéias nem pela cartografia do mundo numa só idéia. Não somos mais desejosos de utilizar este tipo de cartografia para tomar as decisões que concernem nossa vida individual. Mesmo quando o norte do mapa se encontra na cabeça da página, não exigimos da “cabeça” do estado (*head of the state, les dirigeants*) habitar ao norte.

Se tentarmos fazer uma nítida distinção entre uma coleção de analogias sem verdadeiras ligações unificando-as de um lado e um microcosmo plenamente desenvolvido de outro, insistiremos sobre três pontos. Primeiramente, o pensamento microcósmico é um modelo do universo, portanto potencialmente compreensivo. Em segundo lugar, é uma analogia verdadeira, no sentido que é fundado sobre um esquema de orientações e de proporções paralelas. Não importa quais similitudes não se relacionam; as proporções similares tombam no coração de um sistema fusionando os paralelismos, assimilando tudo o que existe na sua própria estrutura de direções e de lugares. Em terceiro lugar, mantendo a proporcionalidade, o microcosmo une o mundo social ao universo: as cartografias espaciais lhe permitem refletir a estrutura social num universo e, a partir de um certo ponto, o processo vai além da analogia, até proporcionar as regras de comportamento. O comportamento que não se refere aos princípios reguladores acarreta penalida-

des.

Estamos errados se tentamos interpretar um microcosmo como resultado de uma curiosidade intelectual, pois há um fundamento prático. As posições relativas dos corpos cartografam um sistema de status. O livro de Hermann Melville sobre as ilhas Marquesas, *Typee*, descreve a maneira cuja grandeza relativa do corpo de um homem deveria se alinhar sobre um modelo de status social. Vocês se lembram do filme “*Meu rei e eu*” no qual a cabeça do monarca Siamois deveria estar mais alta do que todas as outras na sala. Um sistema de posicionamentos corporais significando o status é um signo de um microcosmo ofuscante. De mais a mais os paralelos adequados serão inventados no intuito de colocar em relevo o paralelo central entre o rei e o universo.

Os Lele

O povo chamado Lele, do centro do Congo, que estudamos nos anos 50, modelou a casa e o corpo sobre o motivo da água que flui. O grande rio da região atravessa-a de sul a norte. O microcosmo desenvolvido a partir do escoamento direcional havia impregnado sua linguagem a tal ponto que reabre a questão da ambigüidade. Seus ancestrais vieram do sul, portanto, do país que se encontra na parte alta. A fonte de sua história é tacitamente assimilada à fonte dos rios.

O prestígio está associado a sua origem na parte alta e na orientação em direção ao sul. A corrente de água está, então, associada à corrente histórica. A água que se encontra na parte alta é clara e pura; descendo na parte baixa, a água é mais poluída pelo uso que fazem os vizinhos que se encontram na parte alta e pelos resíduos que eles deixam. Os povos que vivem ao sul de seu território, na parte alta, são as famílias ou os vizinhos amigáveis; os que vivem na parte baixa, ao norte, são perigosos e indignos de confiança.

O mesmo modelo de escoamento é aplicado no vilarejo dos Lele, que é uma pequena unidade muito corporativa. A

palavra para parte alta, *tede*, é aplicada à posição sul no interior do vilarejo, independentemente de sua orientação. Ela tem sua própria orientação interna. A parte alta e a parte baixa do vilarejo estão fixadas sem referência ao escoamento dos rios. A entrada do vilarejo é a fonte e nos referimos a tal ponto que a parte alta, o lado longínquo à chegada do vilarejo é a parte baixa. À alguém que chega e pergunta *onde se encontra tal ou tal lugar?* replicaremos apontando o dedo, “na parte alta” ou “na parte baixa”. É preciso, neste caso, estarmos atentos à não considerar o escoamento do rio se quisermos seguir as direções.

O mesmo modelo de escoamento é seguido no interior das casas quadradas, construídas de folhas de ráfia. Já que o vilarejo é quadrado, todas as casas direcionam-se diferentemente e cada uma tem sua própria orientação interna. Os fundos da casa, onde se encontram a lareira e as camas e onde os cereais são estocados, é a parte baixa; a pequena entrada é a parte alta. Sair da casa é ir para a parte baixa.

O mesmo tipo de escoamento é aplicado no ato de depositar água de uma cabaça: a boca estreita, de onde flui água e que pode ser vista quando ela está cheia, é a parte alta de onde flui água se nós a depositamos. Quando a cabaça está quase vazia chegamos à parte baixa do pote que, de toda maneira, preenche o modelo estando cheio de resíduos.

O corpo é igualmente visto como um rio. O que é prestigioso está na parte alta, na cabeça do rio, corresponde à boca quando alimentos e bebidas são ingeridos no corpo e descem em direção ao estômago. A parte alta é raramente utilizada para designar o alto do corpo, pode ser devido ao fato de que há vocábulos específicos para designar cada parte: boca, dentes, olhos, cabeça, etc. Entretanto, o uso da palavra complementar, parte baixa, é muito freqüente porque os Lele são extremamente atentos sendo as normas exigidas de acordo com o discurso moral.

Eles evitam mencionar os órgãos de

excreção e reprodução. Quando devem se referir às partes baixas do corpo, referem-se polidamente à virilha como parte baixa de uma pessoa. Isso resulta um antropofornismo modificado do escoamento do rio. O vilarejo, a casa, o corpo e todos os recipientes de onde fluem grãos ou líquidos têm uma entrada na parte alta e uma na parte baixa que corresponde à saída do líquido. A parte interior da casa é também sujeita a uma outra projeção antropomórfica. As partes direita e esquerda projetam os gêneros sexuais, o feminino à esquerda e o masculino à direita. O vilarejo tem igualmente duas mãos : a parte da mão esquerda e a da direita.

Enquanto mulher, não poderei jamais seguir o ensinamento do adivinho e conhecer a origem do universo dos Lele. Mas eu conheço-lhes o bastante para estar em posição de afirmar que suas artes terapêuticas e sua religião têm utilizado este modelo de orientação do escoamento do rio marcando as esferas territoriais que deveriam se manter descartadas. Um regulamento muito severo dificulta a esfera d'água, a floresta selvagem, de entrar na esfera do vilarejo e vice-versa. Certos dias e a certos momentos, a floresta deveria estar protegida da invasão humana. Os espíritos da fertilidade viviam nas fontes dos rios: de onde uma classificação muito elaborada dos animais segue seus habitats. Os animais aquáticos, incluindo o macaco, estavam separados dos animais do céu, pássaros e esquilos, e dos animais terrestres.

As regras dietéticas traçam o microcosmo sobre o corpo humano. O laço entre a mulher e a água era complexo, pois as fontes dos rios eram centrais no culto da fertilidade. As mulheres desejosas de ficarem grávidas deviam comer os animais aquáticos, mas, uma vez grávidas, elas deviam evitar o peixe e comer os animais do céu até que a criança nasça sã e salva. Elas não podiam em nenhum caso comer o antílope que tinha escapado dos caçadores e se refugiado nas correntes de água. A idéia de parar as fugas é aparente na prática médica:

os cabelos de uma pessoa doente teriam, talvez, de ser fixados para não permitir a fuga da preciosa essência psíquica do corpo.

O corpo era considerado como estado de acordo com os princípios que governam o mundo. Isso se tornará um princípio importante de interpretação das regras dietéticas da Torah (A lei Judaica) e da justificativa do argumento segundo o qual a religião judaica era regida por um microcosmo igualmente impregnante.

O exemplo dos Lele mostra a maneira na qual um microcosmo poderia começar a se construir. Mostra, igualmente, como a ambigüidade é mantida sob controle apesar da utilização equivocada de certos vocábulos.

A analogia é unidirecional, caminha somente em uma só direção, o que a simplifica. Ela tem um grande domínio de referência.

O contexto estava normalmente claro para os oradores indígenas, o microcosmo dos Lele é muito conveniente. Contudo, para um estrangeiro era problemático. Isso, parcialmente devido ao fato de que sempre supomos que a referência à parte baixa do vilarejo tinha efetivamente alguma coisa e ver com a direção real do rio e parcialmente porque guardamos na cabeça a associação inversa ao norte, a direção "parte alta" sobre uma página ou mapa.

Então, quando eles diziam: "sua casa está na parte alta, a encontraremos lá", a palavra para "parte alta" tinha que, por consequência imediata, orientar-nos para o norte, mesmo se indicassem o outro lado. Éramos como um observador romano em Jerusalém interpretando através das palavras: "isso é o golpe do meu sangue... que se coma da minha carne... etc". Para as pessoas que fazem parte integrante da cultura isso estava perfeitamente claro.

A casa Berbère ou o mundo ao inverso

A cosmologia dos Lele é importante para o estudo do microcosmo na medida em que,

mesmo se é manifestadamente um modelo construído, não podemos imaginar uma pessoa particular ou um grupo de pessoas empenhando-se em sua construção. É útil poder conceber alguma coisa que, em nossos dias, chamaríamos de “construção social” como uma emergência gradual a partir de experiências das pessoas que vivem juntas ao longo das margens de um grande rio. A mesma coisa aplica-se no caso das perversidades da construção interior das casas Berbères, sobre a qual voltaremos brevemente. Note que nos dois casos as significações são definidas e sustentadas pelos atos.

No *Le sens pratique*, o antropólogo Pierre Bourdieu fundou a totalidade do sistema analógico dos Berbères sobre a divisão do trabalho segundo o sexo. Homens e mulheres efetuam diferentes trabalhos ao longo do ano: diferentes espécies de alimento estão disponíveis durante o ano. O ciclo anual dos trabalhos e o ciclo anual das estações procuram a estrutura de um modelo de trabalho de tudo isso que o forma. A estrutura do trabalho é um modelo simbólico do mundo, mas não é o fruto da imaginação intelectual sem fundamento concreto. Ele é solidamente embasado sobre uma ação psíquica num ambiente de três dimensões.

Primeira figura: a casa Berbère

A casa Berbère não elabora um paralelo visível ou direto ao corpo humano. É um microcosmo complexo fundado sobre os pontos cardeais. É inoportuno para um homem começar os empreendimentos do dia em uma direção ocidental. Então as portas das casas devem se orientar em direção ao leste: mas aquele que entra na casa encontra-se em face ao inoportuno oeste. No intuito de impedir este efeito, os pontos cardeais são artificialmente invertidos no interior da casa. O oriente é lá de onde vem à luz, orientado, do interior, em direção ao oeste; a luz do sol cai sobre a parede de frente, logo, no interior da casa, o norte é ao sul e o oeste à leste: a orientação é contrária.

A casa tem divisões sexuais: a parte feminina ficando onde é efetuado a tecelagem e a parte masculina estando na luz. Existe uma parte quente para viver e uma parte fria para os mortos, sejam as carcaças ou a carne de animais ou o corpo de um defunto, de alguém que venha a morrer. Em sua complexidade compreensiva, os dois mundos, o do interior e o do exterior da casa, se refletem. Os espaços da casa são igualmente sexuais para as estações e correspondem ao trabalho masculino ou feminino a efetuar. Às vezes o ciclo da casa e o do trabalho estão estruturados pelo ciclo sazonal: a primavera, nascimento e juventude, amadurecimento e colheita, o inverno com a velhice e a morte. O interior e o exterior da casa são complementares segundo um motivo consistente e complexo.

Evidencia-se, segundo uma vasta literatura sobre o simbolismo dos habitat, que as variações sobre o tema de equivalência entre o corpo e o habitat são muito frequentes pelo mundo. Manifestadamente, elas são construídas conscientemente, mas não necessariamente depois de uma deliberação. Mesmo algumas vezes, elas não permitem mais significações cósmicas que a “cabeça” e os “pés” da página na nossa linguagem.

A analogia

A vida prática opera uma primeira seleção de certas características sazonais, dos rios, das aberturas, dos limites naturais e das cavidades, várias coisas estando, assim, em correspondência umas com as outras. Isso faz com que dois ou mais motivos coincidam. Os pontos de entrada e de saída da casa, de um corpo e de um vilarejo podem ser projetados sobre o escoamento de um rio, sobre o trabalho interior/exterior ou sobre os alimentos variando segundo as estações; estas características naturais podem ser assimiladas na vida humana, no sexo, na reprodução, na velhice, na classe social. O corpo permanece no alto de suas referências cruzadas, pois seu funcionamento complexo pode ser projetado sobre outros

sistemas funcionais. Suas relações procuram uma forma sólida e conveniente de falar e pensar. Cada modelo natural, a casa ou o corpo sofre um processo de redução; o modelo é reduzido em um simples grupo de pontos que formam um motivo muito simples; todo o resto é ignorado. O ponto essencial dessas comparações é que tudo pode significar qualquer coisa, ao menos que não haja um acordo quase contratual sobre o que cada coisa significa. A ambigüidade é sempre abundante¹. A razão se defende enraizando-se na prática.

A filosofia tentou desqualificar a forma da racionalização prática e focalizou, com muito respeito, sobre os procedimentos mentais dedutivos especulativos. Ao mesmo tempo, a razão prática indutiva, terrestre e mundana, sempre teve seus defensores. Recentemente, Ian Hacking reencontrou a justa medida na história das ciências defendendo os cientistas práticos empíricos contra as exigências dos teóricos puros. Ele nos força a reconhecer que os cientistas empíricos e os construtores de instrumentos são os verdadeiros e principais inovadores que facilitaram o avanço do pensamento científico.

A ciência cognitiva nos tem recentemente predisposto a uma concepção integrante da razão. Os séculos que passamos tentando compreender o cérebro e o espírito separadamente estão longe de nós. Devemos agora estudar sua interação simultânea. Elas são partes do mesmo organismo. Cada uma serve a outra e seria inútil sem ela. Pensar o espírito implica pensar a sociedade. Aceitamos agora que devíamos estar atentos às coisas, aos objetos e a sua classificação. Tornou-se necessário interrogarmos para saber a quais operações lógicas estão adaptadas as classes. Como são formadas estas unidades? Como elas chegam a uma coerência que lhes permita serem nomeadas e agrupadas? Dito de outra maneira, como têm lugar as classificações? A resposta terá uma relação com as exigências da vida comunitária.

Como podemos definir as classes an-

tes de Linné? A resposta adequada deve ser pela implicação nas situações práticas. Trabalhando juntos, brincando juntos, tocando música juntos², os humanos precisam dar nomes às classes de acontecimentos e objetos. A classificação é a condição essencial à vida social, a resposta à necessidade de coordenação. O microcosmo, como a classificação, é uma forma de cooperação e o fundamento do pensamento social. Emile Durkheim reabilitou a razão prática, como ela merecia, fundando as relações lógicas sobre as analogias sociais. Ele introduziu uma dimensão social na filosofia do espírito. No *Pensamento Selvagem*, Claude Lévi-Strauss, que se dizia um aluno rebelde de Durkheim, nos levou além da abordagem original da classificação de Durkheim. Ele explicou o totemismo como um instrumento analógico para organizar as relações sociais. Ele escolheu exemplificar este argumento com a ajuda das classificações que têm sua origem nos contextos práticos nos quais corpo, sangue, osso participam das empreitadas práticas tais como cozinhar, construir, caçar. A partir destes contextos não ambíguos, as significações destas classificações estão projetadas sobre os contextos menos materiais, como as regras de casamento e da participação grupal. Assim, no processo criativo de produção de consistência e de coerência, as mesmas significações embelezam a mitologia e a religião. Sobre esta linha de pensamento, Durkheim e Lévi-Strauss reabilitaram o pensamento analógico.

Aquela que chamamos de razão prática faz muito mais que fornecer a situação necessária de cooperação prática para construir as casas, cozinhar, fazer canoagem ou caçar, serve ao projeto de viver junto. Entre tempos, ela procura os materiais para uma mitologia coerente e satisfatória. Como demonstrou Lévi-Strauss, a razão prática está, necessariamente, sempre presente, mesmo necessária ao suporte dos envoltórios da razão especulativa.

● microcosmo de Paulo

Estamos prontos para retornar à ambigüidade das palavras de Jesus referentes à destruição e ao restabelecimento do Templo em três dias. Esta foi, aparentemente, uma das manifestações do seu “falar em enigmas”, uma das palavras que um de seus discípulos somente compreendeu após a morte. Por que não foi compreendido em sua vida?

João disse:

Assim, quando ele ressuscitou entre os mortos, seus discípulos recordaram que ele havia dito isso, e eles acreditaram na escritura e na palavra que ele havia dito. (João, 2, 22, trad. La Bible de Jérusalem).

Será que eles estão lembrados disso, como no caso surpreendente daqueles aos quais um novo e excelente mistério foi revelado? Ou melhor, como no caso de alguém que tem o sentimento que deveria saber desde o início e que levando a sua mão à cabeça exclama: “Evidentemente! Por que não pensei nisso tudo em seguida?” Se este era o caso das pessoas educadas, seria o último caso. Os apóstolos eram iletrados, “pessoas sem instrução nem cultura”, como está escrito nos Atos, 4, 13. Paulo era um homem instruído e de cultura, mas não estava presente quando as palavras foram proferidas. Se ele estivesse lá, teria sabido que Jesus queria falar de seu próprio corpo utilizando as palavras “este Santuário?” Sugerimos que ele teria sabido. Alguma coisa na tonalidade da sua voz o teria prevenido. Suas epístolas ao Coríntios se referem constantemente à equivalência entre o corpo e o Templo.

Vós não sabeis que sois um templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é sagrado, e este templo, és vosso (Paulo, Primeira epístola aos Coríntios, 3, 16-17, trad. La Bible de Jérusalem).

Vós não sabeis que vosso corpo é um templo do Espírito Santo, que em vós mantendes Deus? E que vós não vos pertenceis? Vós fostes belos e bem comprados! Glorificais então Deus em vosso corpo (Paulo, Primeira Epístola aos Coríntios, 6, 19-20, trad. La Bible de Jérusalem).

Nós sabemos em efeito que se esta tenda - nossa casa terrestre - venha a ser destruída, nós temos um edifício que é a obra de Deus, uma casa eterna que não é feita pela mão do homem, nos céus (Paulo, Segunda epístola aos Coríntios, 5, 1, trad. La Bible de Jérusalem).

(...) Ora nós é quem somos o templo do Deus vivo (...) (Paulo, Segunda Epístola aos Coríntios, 6, 16, trad. La Bible de Jérusalem).

A introdução da frase de Paulo, “Como podeis vós não saber?”, sugeriu que eles deveriam conhecer esta equivalência bem estabelecida. A questão de saber se era injusto a se esperar que a ambigüidade fosse levantada depende da instrução na religião judaica de sua audiência. Os Romanos de Jerusalém e as outras nações presentes neste lugar neste momento não o tinham compreendido; somente um anglophone moderno. Paulo tinha certamente estudado seu Leviatã.

● microcosmo no Leviatã

Devemos retardar a discussão até que possamos classificar a analogia entre corpo-construção do Leviatã e entre os microcosmos funcionais. Demonstramos que qualquer analogia não teria feito o negócio (J'ai démontré que n'importe quelle analogie n'aurait pas fait l'affaire). Com o intuito de passar para um modelo de universo bem desenvolvido, a analogia deveria igualmente manter um fundamento de proporcionalidade, e, também, projetar um motivo

de relações sociais sobre o mundo físico. Asseguramos que a anatomia do animal sacrificial no livro do Leviatã e no tabernáculo seguem o mesmo motivo de tripartição e que as três partes correspondem a epifania original do Monte Sinai, respondem à estipulação de proporcionalidade. A totalidade do motivo está estritamente estruturada seguindo as proporções do tabernáculo do deserto, proporções dadas a Moisés no livro do Êxodo (Êxodo, 25-27). O livro compreende as leis que correspondem à Aliança entre Deus e seu povo e arranja com conformidade suas relações com o gado e com todas as espécies de animais. Isso reencontra a estipulação que um microcosmo modela as relações sociais sobre as leis do universo. Tais são os fundamentos que nos levam a sustentar que os Judeus tendo recebido uma instrução teriam reconhecido o paralelo sagrado entre corpo e templo.

Segunda figura. O edifício tripartido e as posições de todas as coisas no seu interior.

O altar dos holocaustos e a bacia na *Tente des Rendez-vous*³; a cortina, o altar dos perfumes, a luminária e a mesa de pães do ofertório no Santo, depois a cortina e em seguida o último compartimento, o Santo dos Santos, minúsculo quarto contendo a arca do Testemunho. (A tradução dos termos bíblicos segue La Bible de Jérusalem).

O resultado é uma leitura totalmente divergente do livro. A comunidade instruída foi dissolvida, o templo destruído ao longo do segundo século (a. C.), os judeus eruditos que leram e interpretaram o Pentateuco não reconheceram os símbolos dominantes, corpos, montanha e altar, que correspondem uns aos outros como eles correspondem a estrutura do universo de Deus. Eles avançaram isso que se tornou a interpretação habitual do Leviatã com os conceitos de pureza e de impureza dominando o livro. Nos tempos modernos prevalece a atitude inversa: a interpretação

brinca com o imaginário corporal, quase se desculpando da grosseria da matéria do sujeito. A cultura particular das edições sacerdotais é que é retida como explicação suficiente de seu interesse para os fluidos sexuais, a podridão corporal, a lepra, as mutilações, a putrefação e a morte.

Minha interpretação pessoal, fundada sobre o microcosmo do templo, é completamente diferente da que os comentadores de períodos anteriores tinham dado ao livro. Esta aqui pode fornecer uma demonstração útil da vida inerente ao corpo como símbolo, sua abertura à ambigüidade. Ele pode tudo significar, pode tudo simbolizar, tudo o que dele foi assinalado por uma comunidade. Ele não pode guardar estas significações se a comunidade está dissolvida.

O livro como corpo

O esquema tripartido do livro é amplamente reconhecido. Os métodos psicológicos passaram minuciosamente o texto no pente fino no intuito de encontrar as palavras que se reencontram nas fontes antigas ou mais tardias, e viram que a primeira parte, capítulos 1-17, está fundada sobre uma fonte muito antiga. Esta seção do livro é transcrita a partir de arquivos muito antigos, provavelmente orais, pelos editores sacerdotais. Assim, esta fonte é chamada P (priestly, sacerdotal). Ela concerne aos sacrifícios privados, ao pecado, à impureza, contendo muitos detalhes sobre os pecados que necessitam de perdão e sobre a maneira na qual os corpos se tornam impuros e, portanto, impróprios para entrar no tabernáculo e na purificação.

A seção seguinte comporta os capítulos 18/23; ela é considerada mais tardia. Ela concerne às regras relacionadas aos padres e aos seus deveres públicos, incluindo nesta mais detalhes sobre o sacrifício. Ela é muito mais curta que a seção um. A última seção, 24-27, é ainda mais curta. Ela apresenta a lei do Jubileu, os tempos de alegria que chegam regularmente quando os sacrifícios específicos são ofertados ao

senhor, os escravos libertados e as dívidas anuladas. Para um antropólogo é encorajador descobrir que esta forte tripartição, trazida à tona pelo estudo crítico das fontes, é compatível com a estrutura fundada sobre as analogias corporais.

Além da evidência lingüística, o livro está dividido em três partes desiguais por duas narrativas, dando aproximadamente as mesmas três seções. Estas duas narrativas têm um caráter punitivo. Na primeira, os filhos de Aaron são destruídos pelo fogo, por terem feito uma oferenda não autorizada e, na segunda, ele é comandado para matar por apedrejamento um homem que comete uma blasfêmia. Que tipo de estrutura seria indicada por somente duas narrativas? Alternar a narrativa e a lei é um sintoma de estrutura plausível, pois o livro dos Números como o da fonte P é estruturado sobre o princípio da alternância, dando treze seções. A idéia ganhou gradualmente os espíritos, as dimensões relativas das unidades textuais no livro poderiam corresponder às três partes desiguais do Tabernáculo do deserto, o que, cremos, encontra-se justo.

Terceira figura. O Tabernáculo segundo as instruções de Deus.

No Êxodo, Moisés recebe as medidas exatas do tabernáculo que ele deve construir. A primeira parte, chamada a *Tente des Rendez-vous* é muito grande; é onde o público (em estado puro) vem oferecer seus sacrifícios, a fim de receber o perdão e de agradecer ao Senhor. Ela está separada da seguinte, chamada o Santo, por uma cortina através da qual somente os padres têm direito de passar. O Santo está separado do Santo dos Santos por uma segunda cortina. As duas narrativas vêm exatamente aos pontos no livro onde o edifício do Tabernáculo comporta uma cortina, protegida pelas leis contra as entradas não autorizadas.

Quarta figura. As duas cortinas.

Este esquema opera muito bem, pois leva

em consideração a distribuição das matérias do livro. Numerosos comentadores confessaram estar perplexos diante deste fato. Entretanto, quando nós sabemos que os primeiros capítulos, 1-16, correspondem a *Tente des Rendez-vous* onde o público leva suas oferendas pessoais, é compreensível encontrar nestes capítulos exatamente isso, as instruções para fazer o que é suposto ser feito no compartimento do edifício. A mesma lógica se aplica nos capítulos 17-23, que correspondem ao Santo onde os padres têm acesso e onde a mesa dos pães do ofertório e o *menorah* (candelabro) são colocados. Estes capítulos contêm as instruções para a preparação do pão e do óleo, mas também as instruções para os sacrifícios durante as festas públicas que os padres devem organizar, as regras do casamento dos padres, sua alimentação e sua maneira de se manter longe dos cadáveres. Os últimos capítulos do livro concernem à Aliança de Deus com seu povo e, nos lugares mais secretos do tabernáculo, o Santo dos Santos contêm a arca ou a caixa onde o documento da aliança está guardado.

Quinta figura. O Leviatã projetado sobre o plano terrestre

Até aqui, não há nada referente ao corpo, apesar do fato que numerosas coisas em relação à impureza corporal e às carcaças dos animais sacrificados estão contidas na primeira seção. Reduzo a exposição dizendo que o corpo humano é assimilado ao altar. Ele deve ser guardado puro, como o altar. Nenhuma carne que não possa ser depositada sobre o altar e ser consumida pelo fogo pode ser admitida nele e consumida como alimento. É por intermédio das regras que o corpo e o altar são modelados um sobre o outro. O sangue, certas carnes, e o fígado do animal sacrificado, o que quer dizer, todas as coisas que são oficialmente proibidas como alimento humano, correspondem às regras que controlam o que pode ser apresentado ao altar como oferenda. O sangue

jamais é apresentado como oferenda, ele é derramado. Uma forte proibição ao povo de Israel é comer sangue.

Considere agora as instruções para colocar as oferendas no fogo sobre o altar. Em primeiro lugar, o fígado e a gordura do rim são colocadas sobre o altar separadamente e, em seguida, a cabeça e a carcaça principal, que é cortada em partes, e, enfim, os pés. Os órgãos de reprodução, chamados de maneira eufêmica “pés”, são os últimos a serem colocados. O corpo foi reconstruído de maneira inversa, o que é mais importante acima. O corpo desmembrado sobre o altar é reconstruído sob a forma de um triângulo abruptamente pontudo. Uma tal interpretação concorda com a idéia do tabernáculo como o lugar da união estática de Deus com seu povo e com os textos que apresentam esta união em termos de união sexual com destaque à fertilidade.

Há ainda uma analogia que é preciso mencionar. As três partes do tabernáculo, de tamanho desigual, repousam uma sobre a outra, como um corpo sacrificial, estreitamente colocado de baixo para cima, e são também uma imagem do Monte Sinai. Existe uma velha associação entre o tabernáculo e a santa montanha, que, no livro do Êxodo é também dividida em três partes de tamanhos desiguais. As ladeiras inferiores da montanha eram o lugar da congregação laica; nas ladeiras do meio estavam Moisés, Aron e setenta idosos; No ápice, a parte mais estreita, estava somente Deus, e Deus chama Moisés para vir perto dele.

O edifício tripartido do tabernáculo corresponde à ladeira tripartida da santa montanha, e agora podemos dizer que o corpo sacrificial é também dividido em três partes pela proibição de comer a gordura do rim. Esta é uma lei tão forte quanto à proibição de comer sangue. Observando a carcaça do animal sacrificado, notamos que a gordura do rim constitui uma barreira interna entre o corpo superior, o peito, os pulmões, etc., e o abdômen. As entranhas e os órgãos de reprodução são protegidos por uma gordura dura do rim.

Quando sabemos que o microcosmo está fundado sobre a correspondência entre o tabernáculo e a santa montanha, e que as nuvens impedem a visão do que está perto do ápice da montanha, e que a fumaça dos incensos faz o mesmo no santuário, qual a conclusão que tiramos para o que concerne a regra não interpretada de interdição de comer a gordura do rim? Sabemos, a partir de um outro tipo de provas, que o corpo humano é um modelo para o altar. Sugerimos que a regra de interdição de comer gordura do rim leve o microcosmo do corpo em estado de compleição. A gordura do rim impede a visão dos órgãos internos e corresponde às nuvens da montanha e a fumaça dos incensos no santuário nos dois outros modelos.

Demos anteriormente a prova que sustenta esta leitura. A primeira parte da leitura era muito mais longa que a segunda, e agora chegamos à terceira, a mais curta. Aqui, devemos enfrentar a questão insistente.

Como mudam os símbolos

De que maneira as significações mudaram durante os dois milênios que seguiram a escritura do texto? Note que apresentamos o Leviatã como um texto implicado na ação cultural. Ele é construído de tal maneira que pode utilizar o tabernáculo como um modelo tridimensional de si mesmo ou vice-versa. Se foi composto e enfim editado em exílio, não existia mais nem tabernáculo, nem culto. Depois do exílio, o segundo Templo foi construído, mas foi o Templo de Salomão o modelo e não a pequena “Estada” descrita no Êxodo.

O livro do Leviatã exprime uma poderosa esperança, angústia, um sonho. Os israelitas na diáspora podiam guardar o livro entre as mãos e efetuar um passeio virtual em torno de um tabernáculo virtual. A entrada é a grande *Tente des Rendez-vous*; lá, eles podem imaginar o que era feito neste lugar, ou seja, os sacrifícios. Em seguida eles param diante da primeira cortina. De

qualquer maneira, eles devem negociar sua passagem e sua entrada no compartimento dos padres; lá, eles teriam visto a mesa de pães do ofertório, o candelabro e o altar dos perfumes. Neste ponto do livro, lerão as restrições que concernem aos padres, com quem eles podem ser casados, o que eles podem comer, o que concerne aos seus servidores e suas crianças, os sacrifícios públicos, os feriados homologados pelos quais os padres são responsáveis. Em frente à segunda cortina na construção, lerão no livro o que concerne a fumaça densa do incenso que protege o grande padre quando ele a atravessa para passar ao Santos dos Santos uma vez por ano e que oculta a presença de Deus. Seguramente, mesmo em sua imaginação, eles jamais ousariam ultrapassar a segunda cortina, mas na parte respectiva do livro podem ler e especular sobre a significação da aliança que, como sabem, está guardada neste pequeno lugar sagrado.

Este livro genialmente tecido é um modelo do seu sujeito, ou seja, do tabernáculo. Desde os comentários primitivos, esta leitura não faz mais parte dos comentários. Ela é tácita, somente pode ser inferida pelo texto. A explicação está enterrada na história judaica, subjugada depois da destruição do segundo templo. A experiência dos povos oprimidos dirige seus interesses para as fronteiras frágeis e para a impureza inoportuna. O grande interesse dos rabinos pela purificação teria podido fazer deste livro um documento central no que diz respeito ao negócio que lhes ocupava tão profundamente, a preservação da religião e a dissolução, o sincretismo e o desprezo. O templo sempre foi vulnerável à impureza. Agora, sua interpretação desenvolveu um aspecto diferente do microcosmo; focalizaram a pureza do corpo. Seguindo a leitura, tudo está destinado a proteger o corpo da impureza. A mudança do contexto da ação mudou a leitura do texto. Podemos retrair o momento decisivo da mudança no livro d'Ezra/Néhémie. Depois do exílio, aqueles que voltaram queriam estabelecer uma Israel pura; sua consternação para o mal vindo

dos casamentos interétnicos resultava num forte interesse político. Este interesse foi muito mais imediato e potente que as representações da totalidade da aliança e da Lei segundo as dimensões do tabernáculo. Um microcosmo deve sempre conter o que o povo, seguindo seu julgamento, considere ser a coisa mais preciosa e a mais importante.

Conclusão

Começamos dizendo que o microcosmo permite à comunidade estabelecer certas convenções referentes ao sentido. Concluímos dizendo que um microcosmo não pode prosperar sem uma comunidade. Então, o serviço devolvido é mútuo. No intuito de facilitar a comunicação, uma comunidade precisa reduzir a ambigüidade. O controle do sentido é mais fácil nas pequenas comunidades fechadas. Quando os lugares de compreensões tradicionais são difusos, como no caso de uma comunidade mista, o sentido corre o risco de escapar ao controle. Isso é um problema quando lemos os textos antigos. Devemos conhecer a história das antigas leituras.

Como a comunidade se dissolve, as convenções são recolocadas em questão. Em nossa geração, na qual isto chega, a incerteza é a ordem do dia. As provas matemáticas são consideradas abertas, o argumento lógico é indeterminado. O microcosmo parece perder sua credibilidade. Sua fraqueza permite uma inundação de informações sem nenhuma organização interna, o que dá um livre curso à ambigüidade.

Notas

* Texto cedido pela autora. Traduzido do Francês por Juliana Tonin. Mestranda em Comunicação Social pelo PPGCOM da PUCRS.

1 Eu sigo Thomas Schelling e David Lewis sobre a origem das convenções. Os membros de uma comunidade não têm o tempo de recomeçar cada convenção desde o início e explicar cada palavra exaustivamente. A convenção funciona, pois preferem atribuir as significações aos signos

(sem se preocupar em saber o que serão as significações). Os exemplos que considere sugerem que a convenção não tem origem arbitrária. Contudo, ela pode somente funcionar para uma comunidade que deseja isso. De outra forma, quando a comunidade é aberta, o sentido também é.

A razão foi dividida em várias espécies, várias vezes, tendo nomes diferentes, mas a maioria das divisões retorna à mesma diferença. Nos tempos modernos, Kant opôs a razão teórica (pura) à razão prática (pura) e destacou o aspecto moral desta última. Ernst Cassirer, abandonou o aspecto moral na distinção que traçou entre (razão) científico-dedutiva e (razão) mágico-mitológica, como fez sua aluna, Suzanne Langer, quando destacou a diferença entre racionalização discursiva e representacional. Em função do que cada filósofo quer destacar, ele pode ter um número de outros nomes para a mesma diferença, como por exemplo, apriori/empírico, dedutivo/indutivo. (En fonction de ce que chaque philosophe veut mettre en relief, il peut y avoir nombre d'autres noms signifiant à peu près la même différence, comme par exemple apriori/empirique...). Eles se alinham sobre Aristóteles que distingue entre razão teórica e razão prática.

- 2 Cf., Alfred Schütz, *Making music together. A study in social relationship*, Collected Papers, vol. II, La Haye, 1971, pp. 159-178. Trad. Franç., *Faire de la musique ensemble in Sociétés*, N° 1-1984.
- 3 NT. Tenda dos Encontros.